

Notas sobre a linguagem de Teilhard de Chardin, especialmente os seus neologismos

Gabriel Perissé¹

Resumo: A estranheza que a obra e o pensamento de Pierre Teilhard de Chardin provocou em muitos leitores e intelectuais de sua época pode ser captada nas anotações paralelas que um leitor desconhecido fez de algumas páginas do teólogo. Essa estranheza partiu de um leitor com formação científica e certo interesse por filosofia. Por outro lado, os mesmos neologismos empregados pelo pensador jesuíta soavam incômodos e um tanto perigosos aos ouvidos de leitores e avaliadores da Igreja.

Palavras Chave: Leitura teológica. Teilhard de Chardin. Linguagem. Ciência.

Abstract: The strangeness provoked by the work and thought of Pierre Teilhard de Chardin among many readers and intellectuals of his time is verified in the parallel annotations and comments from an unknown reader. This strangeness came from a reader in the area of science, with some interest in philosophy. On the other hand, it's possible to observe how the same neologisms used by the Jesuit thinker Teilhard de Chardin to be poisonous and dangerous to the eyes of readers and evaluators of the Church.

Keywords: Theological reading. Teilhard de Chardin. Language. Science.

1. Ouvidos para dialogar e olhos para ler

Para exprimir sua visão teológica, Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955) recorreu a neologismos ou “injetou” sentido novo em palavras já existentes. Ao seu modo inusitado de encarar a relação entre ciência e fé corresponde uma terminologia muitas vezes insólita. Não é de todo improvável que palavras por ele criadas com ousadia apaixonada tenham aumentado a repulsa de quem, ou no ambiente eclesiástico, ou no meio científico, já encarava com desconfiança sua mensagem místico-científica.

No *monitum* sobre os escritos de Teilhard de Chardin publicado pelo Santo Ofício no início da década de 1960, há uma referência indireta à questão da linguagem. O texto completo é este:

Várias obras do padre Pierre Teilhard de Chardin, algumas das quais publicadas postumamente, estão sendo editadas e ganhando considerável sucesso.

Pondo de parte qualquer juízo sobre aqueles pontos que dizem respeito às ciências positivas, está suficientemente claro que, em matéria filosófica e teológica, nas obras acima mencionadas, há expressivo número de ambiguidades e até mesmo graves erros que ofendem a doutrina católica.

Por esta razão, os eminentíssimos e reverendíssimos padres da Suprema Congregação do Santo Ofício exortam todos os Ordinários, os superiores de institutos religiosos, os superiores dos seminários e os reitores das universidades, a protegerem eficazmente os espíritos, de modo particular dos jovens, contra os perigos das obras do padre Teilhard de Chardin e de seus discípulos.

Roma, no Palácio do Santo Ofício, 30 de junho de 1962.

Sebastiano Masala, notário (*Acta Apostolicae Sedis* 54 p. 526)²

¹ Doutor em Filosofia da Educação (USP), mestrando em Teologia (PUCRS), assessor do Centro de Pastoral e Solidariedade da PUCRS - perisse@uol.com.br

A referência às ambiguidades pode ter a ver com uma insuficiente clareza dos textos de Teilhard de Chardin. Ou seu vocabulário talvez soasse incomodamente novo aos ouvidos das autoridades romanas. Chama a atenção, porém, a generalidade do próprio julgamento, pois não se explicitam, neste *monitum*, as tais ambiguidades e os graves erros de Teilhard. Ou seja, também este documento da Igreja sofre de imprecisão e falta de clareza, embora os que o redigiram afirmem que tudo está bastante claro (*satis patet*).

Neologismos e uma abordagem original da realidade exigiriam visão e audição abertas para a estranheza inicial. O decreto de 1962, aliás, fora precedido por outras proibições a publicar e intransigentes restrições a ensinar, que Teilhard acolheu com obediência heroica sem abandonar suas pesquisas e reflexões, sempre com intenção apologética. Tal reação da Igreja devia-se, em parte (podemos supor), ao fato de encarar como incorrigíveis as supostamente perigosas imprecisões de linguagem que, somadas a algum tipo de afã de novidade, ou a algum tipo de “esoterismo”, ou como eventual influxo de um “neomodernismo”, poderiam ferir a doutrina católica.

A ambiguidade e imprecisão da terminologia teilhardiana, no entanto, mais cedo ou mais tarde teria sido corrigida, com menos traumas, tensões e sofrimentos, como argumenta o também jesuíta González Faus:

O pensamento de Teilhard de Chardin aproximou muita gente da Igreja, impôs-se no que tinha de válido, foi recusado em seus excessos, imprecisões e posições infundadas. A impressionante e inabarcável quantidade de literatura a que suas obras deram origem levou a cabo esse processo natural de decantação. A oposição romana só dificultou esse processo natural, tornando-o lento e impedindo que o próprio autor pudesse conhecer e assimilar críticas e talvez reformular ou completar suas posições. As autoridades romanas não exerceram *nenhum Magistério* a respeito do pensamento de Teilhard [...]. (GONZÁLEZ FAUS, 1998, p. 185)

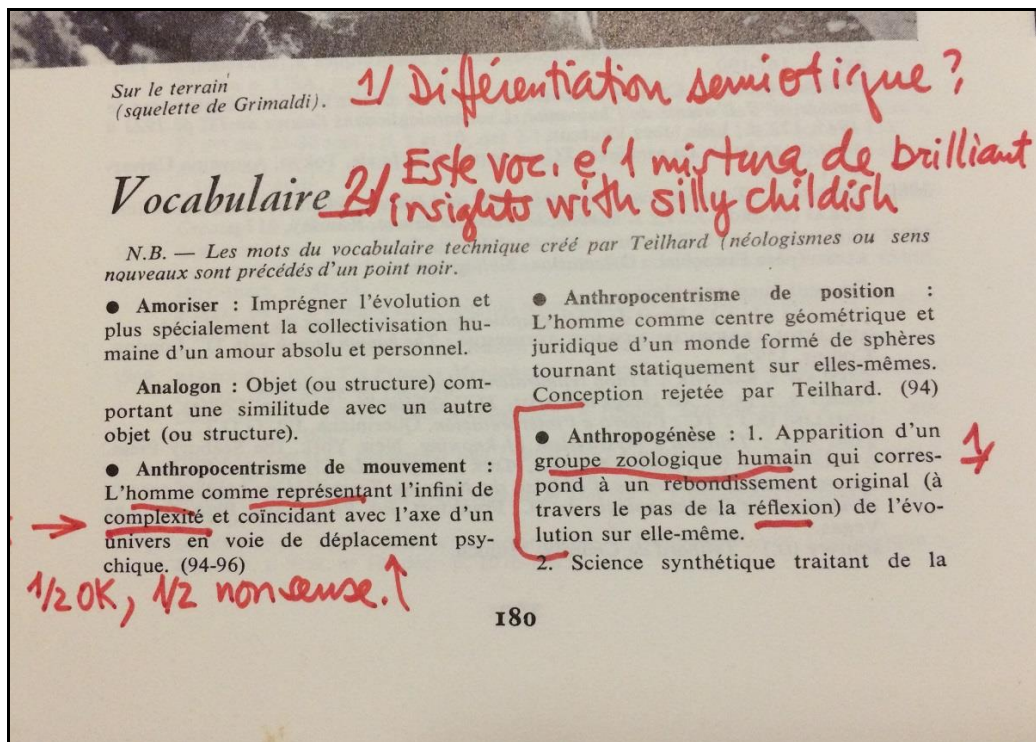
E para trazer a opinião de outro jesuíta, um dos muitos autores a contribuir para “digerir” Teilhard teologicamente, teria sido mais justo e adequado examinar e criticar com serenidade os escritos do cientista e teólogo francês, não obstante a estranha impressão que o seu pensamento provocou dentro da Igreja, de modo especial em mentes educadas na mais estrita filosofia escolástica. (cf. SMULDERS, 1965, p. 9-11)

2. As reações de um leitor

Teilhard de Chardin gerou estranheza e fortes reações, favoráveis ou contrárias, tanto dentro como fora da Igreja.

A título de curiosidade (mas não de mera curiosidade), incluo algumas páginas fotografadas de um livro sobre Teilhard, adquirido em sebo, no qual há interessantes anotações de um leitor anterior, que passo imediatamente a comentar.

² O texto em latim: “*Quaedam vulgantur opera, e etiam post auctoris obitum edita, Patris Petri Teilhard de Chardin, quae non parvum favorem consequuntur. Praetermisso iudicio de his quae ad scientias positivias pertinent, in materia philosophica ac theologica satis patet praefata opera talibus scaterere ambiguitatibus, immo etiam gravibus erroribus, ut catholicam doctrinam offendant. Quapropter Emi ac Revmi Supremae Sacre Congregationis S. Officii Ordinarios omnes necnon Superiores Institutorum religiosorum, Rectores Seminariorum atque Universitatum Praesides exhortantur ut animos, praesertim juvenum, contra operum Patris Teilhard de Chardin ejusque asseclarum pericula efficaciter tutentur.*”

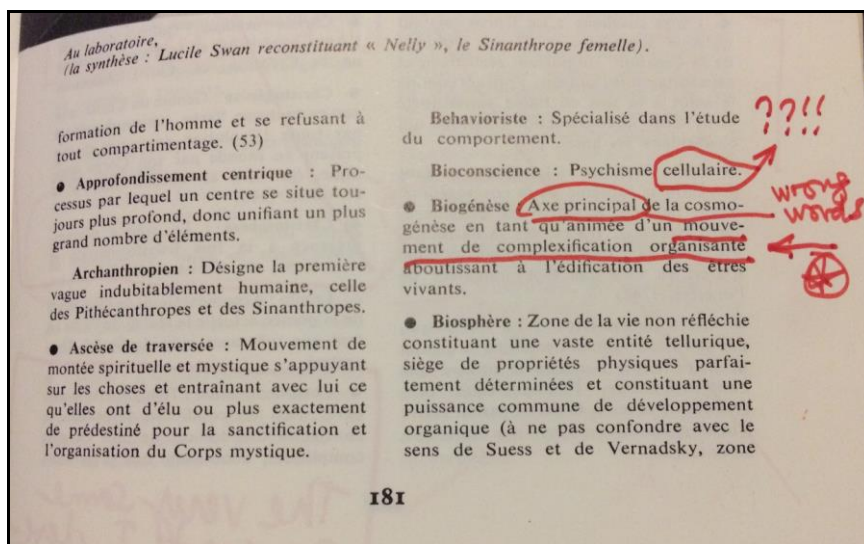


Trata-se do livro *Teilhard de Chardin*, de autoria do biólogo francês Claude Cuénot, em cujas páginas finais há um vocabulário com neologismos e conceitos que foram renovados por Teilhard. O leitor em questão (que não é possível saber quem tenha sido, e vamos chamar de LEITOR DESCONHECIDO = LD), utiliza uma mescla de francês, inglês e português. Com sua caneta vermelha, escreve na página 180: “1/ *différentiation semiotique?*” (faltou o acento em *sémiotique*) e “2/ este voc. é 1 mistura de *brilliant insights with silly childish*”. Mais abaixo, sublinhando e colocando setas, sentença: “1/2 OK, 1/2 nonsense”.

A diferenciação semiótica, em tese, conduz a uma precisão maior do pensamento e da comunicação. O LD se pergunta se será este o motivo do emprego do termo “antropogênese”, que não foi invenção de Teilhard (esta palavra já existia desde meados do século XIX), mas recebeu de Teilhard novo matiz. Antropogênese é o salto para a reflexão, é estágio intermediário do processo evolutivo entre a biogênese e a cristogênese.

Quanto ao “antropocentrismo de movimento”, o LD em parte o compreende, em parte não. Seu “OK” é dado (a seta indica) à ideia do ser humano enquanto representante da complexidade infinita. O “nonsense” (indicado pela outra seta) em relação ao “deslocamento psíquico” deve-se a não conceber o ser humano como ponto culminante na terra de uma acelerada ascensão evolutiva.

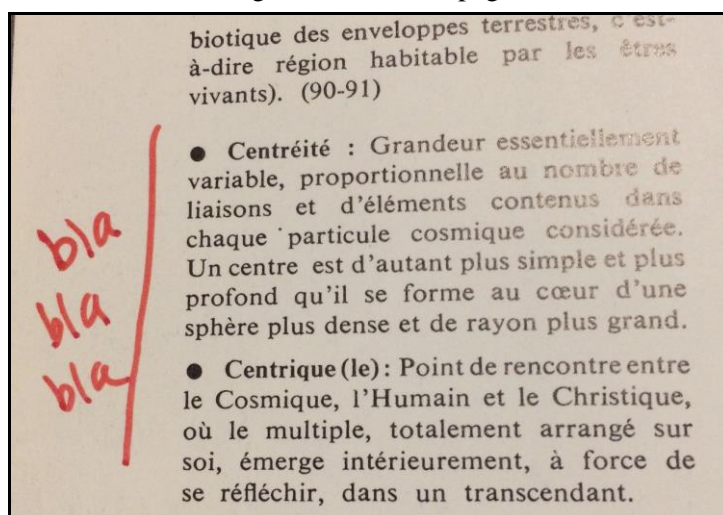
Para o LD, as tolices infantis e as observações absurdas que encontrou em sua leitura vêm mescladas com *insights* geniais. Talvez tenhamos aí uma boa (e também ambígua) avaliação. Para quem se inclina a enfatizar os *insights*, Teilhard é genial. Para quem dá mais atenção às tolices e ilogicidades, Teilhard é um alucinado.



A perplexidade do LD na página 181 é notória em suas setas, interrogações e exclamações. Ele não aceita a noção de “psiquismo celular”. Teilhard, em sua obra, fala de um aumento da “temperatura psíquica” no mundo celular que iria, progressivamente, conduzir ao surgimento e expansão da vida inteligente no universo.

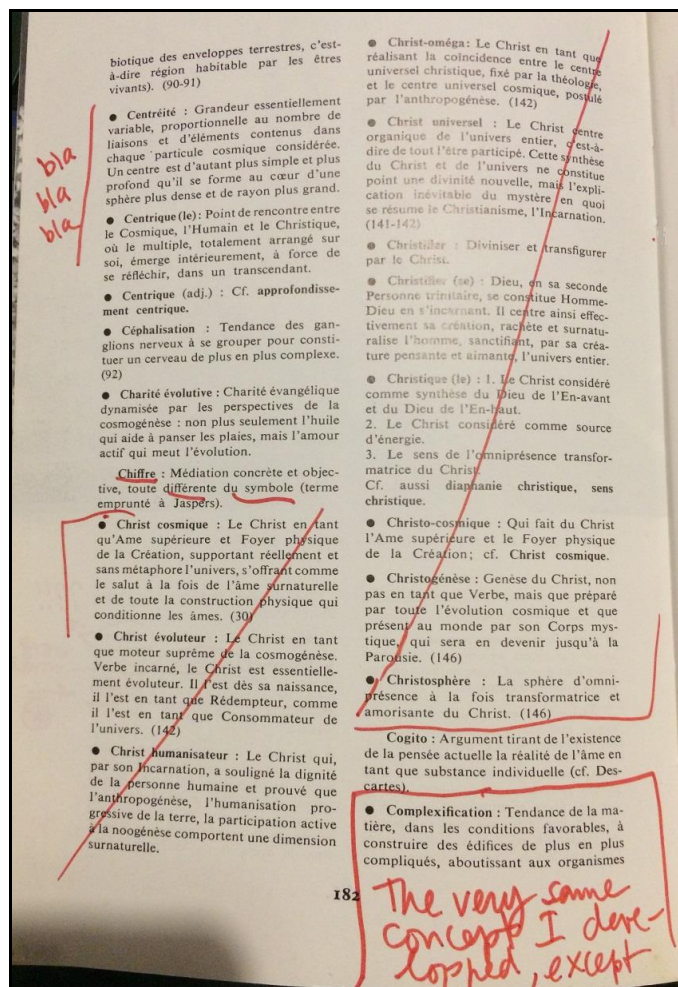
Aparentemente contrariado, utilizando um asterisco, envolvendo com um traço a expressão “*axe principal*”, e sublinhando outras palavras no item “biogênese”, o LD denuncia: “*wrong words*”. A razão deste julgamento está, possivelmente, em não considerar a interpretação teilhardiana compatível com o termo “biogênese”, cunhado pelo biólogo britânico Thomas Huxley (1825-1895), defensor ferrenho do evolucionismo. Segundo a teoria da biogênese, os organismos vivos provêm tão somente de organismos vivos preexistentes (ou seja, não existe geração espontânea). O erro de Teilhard estaria, na leitura do LD, em alterar essa teoria, ao ver a biogênese como eixo principal da cosmogênese, palavra que Teilhard também não criou,³ mas à qual deu o sentido de um sistema em movimento orientado e convergente para Cristo.

Parece que as dificuldades do LD em aceitar integralmente as argumentações de Teilhard residem em se tratar de um pensamento crístico, centrado em Cristo, como podemos constatar numa das margens anotadas da página 182:



³ As palavras “cosmogênese” e “antropogênese” já estavam anteriormente presentes na linguagem teosófica de Helena Blavatsky e de outros esotéricos, o que deve ter confirmado o caráter suspeito da obra de Teilhard aos olhos da Santa Sé.

O traço abrange dois termos: “centrété” e “centrique (le)”. E ao lado, a expressão onomatopaica: blá-blá-blá. Para o LD, a noção de “centredade cósmica” é conversa sem conteúdo, exposição de ideias que pouco ou nada significam, é absurda (etimologicamente falando, algo que destoa, que desagrada ao ouvido, e até nos deixa surdos...). O modo como rasura a página de um lado a outro, demonstra que este é o seu sentimento geral perante os neologismos crísticos:



Sem acrescentar nenhum comentário, o LD simplesmente quer eliminar estes onze neologismos que Teilhard criou a partir do grego *khristós* (“ungido”, “consagrado”), na forma de expressões ou de palavras análogas a outras já dicionarizadas como “cristandade”, “cristianização”, “cristofania”, “cristologia” etc.

Ao seu ver e ao seu ouvir, o “Cristo cósmico”, o “Cristo evolucionador”, o “Cristo humanizador”, o “Cristo-ômega”, o “Cristo universal”, o “Cristo-cósmico”, os verbos “cristificar” e “cristificar-se”, o “crístico”, a “cristogênese” e a “cristosfera” são expressões sem sentido, embora façam todo o sentido e estejam no coração do pensamento de Teilhard: o universo converge para o Cristo, e é o poder de atração do Cristo cósmico que dá direção, beleza e valor a tudo.

Essa reação do LD com relação aos neologismos não é meramente linguística. Há uma evidente resistência intelectual ao propósito central da teologia teilhardiana, que é não apenas incluir Jesus Cristo no pensamento evolucionista, mas fazer ver ao mundo da ciência moderna que o Cristo é o ponto de referência para o Todo. Para Teilhard, homem de fé e de ciência, o universo não é fruto do acaso, mas há uma

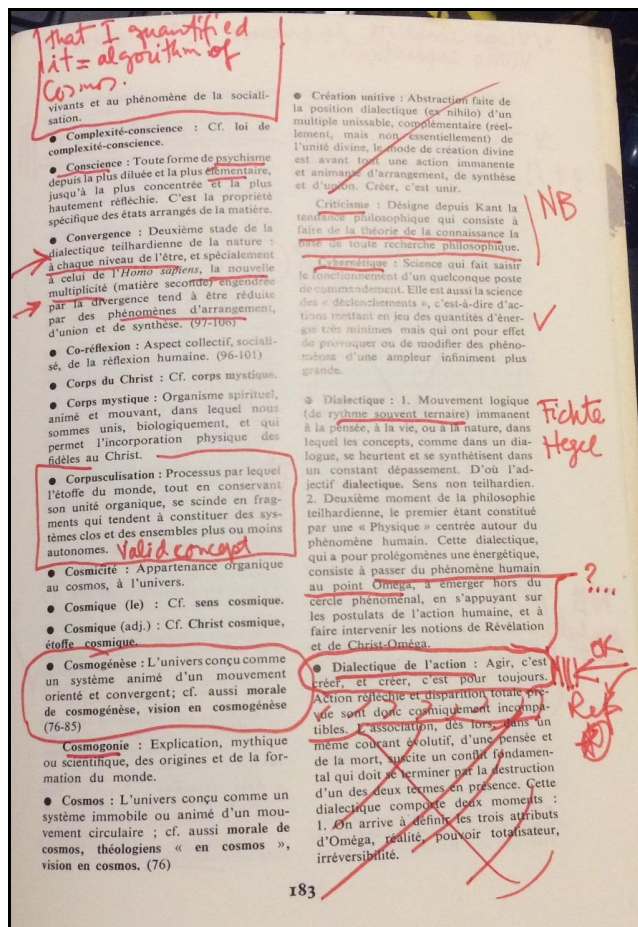
finalidade e uma inteligibilidade que conduzem à conciliação possível entre o discurso da ciência e o da religião cristã.

Procurando entender o ponto de vista do LD, expresso nos sinais em vermelho que ele faz com tanta convicção, a tentativa de Teilhard incomoda, pois se nota que há uma inspiração profundamente mística na síntese que ele anseia operar entre espírito e matéria, entre religião e ciência, entre evolução e revelação:

A intuição mística de Teilhard de Chardin levou-o a ver a presença de Cristo no coração da matéria. Quando adolescente, certa vez, tomou na mão uma pedra e se disse: 'Aqui há vida, há consciência'. E o místico dirá mais tarde: 'Cristo está aqui presente. Nele tudo encontra a subsistência e essa matéria subsiste nele. Ela se torna diáfana para quem percebe nela a presença de Cristo. O Cristo da revelação se identifica com o da evolução. Está no princípio — Alfa — e no fim — ponto Ômega'. (LIBANIO, 2013, p. 186)

A teologia de Teilhard incomodou profundamente os católicos que não queriam aceitar a evidência da evolução, mas igualmente chocou uma boa parte dos cientistas modernos, ao lhes mostrar que não poderiam ser cientistas modernos sem aceitar o Cristo como elo conclusivo do sistema evolucionista (cf. MONDIN, 1979, p. 64-65).

Voltando à página 182, é significativo que o traço feito sobre a série de neologismos crísticos se detenha na palavra "cogito", que, por ser de extração cartesiana, não lhe causou dificuldades. Na mesma página 182, embaixo, começa um comentário que termina no topo da página 183:



O comentário do LD é este: “*The very same concept I developed,*⁴ *except that I quantified it = algorithm of Cosmos*”. Indica-se que o LD pode ser físico, ou engenheiro, ou matemático, e criou um “algoritmo do cosmo”.⁵ Trata-se, portanto, de um cientista, de alguém que transita nos meios acadêmicos, com interesse pelo tema da complexidade, e que aprecia o estudo da filosofia, pois menciona Fichte e Hegel ao lado do verbete “*dialectique*”. E seu NB (*nota bene*) ao lado de “*criticism*”, relacionado a Kant, faz pensar que o LD inclina-se por esta linha de pensamento.

A observação — “*valid concept*” —, aprovando “corpusculização” (neologismo de Teilhard), reitera que a temática é do seu interesse, mas ele esbarra, e refuga uma vez e outra, diante do modo como Teilhard encaminha a discussão científica. Um sinal de interrogação, seguido por reticências, na altura das últimas 8 linhas do verbete “*dialectique*”, aponta para este conflito. Não há, no horizonte intelectual do LD, espaço para a revelação e para o Cristo-ômega. E se, no verbete seguinte, sobre a dialética da ação, corrobora com um OK a ideia de que “agir é criar, e criar é para sempre”, risca a parte restante da definição, pois parece discordar outra vez que seja relevante trabalhar com o conceito de ponto ômega.

Também com um risco, o LD descarta de modo sumário o verbete sobre “criação unitiva”. Com isso, tem-se a impressão de que desconsidera, por princípio, qualquer debate sobre a ideia de criação divina, mesmo que no diapasão teilhardiano. Se, para um teólogo escolástico, dizer que “o modo de criação divina é antes de tudo uma ação imanente e animante de combinação, síntese e união” significa colocar a fé de joelhos diante da ciência, para um cientista materialista, a mesma frase soa como um esforço para colocar a ciência de joelhos diante da fé.

Os demais traços, grifos e setas nesta página comprovam que o LD está absorvendo, mas filtrando, aquilo que lhe parece válido e útil para suas próprias pesquisas. Sua leitura, de fato, é investigativa e crítica, ainda que não deseje dialogar de modo algum sobre qualquer coisa que lembre o sobrenatural ou a religião. O sugestivo tique ao lado de “*cybernetique*” é um novo sinal de que o LD pertence ao mundo da ciência e está num processo de pesquisa.

Na página 184, a última a ser analisada aqui, o LD faz um xis sobre cinco expressões tipicamente teilhardianas: “diafania (crística)”, “Deus-Alfa”, “Deus do Para-a-Frente”, “Deus do Para-Cima” e “Deus-Ômega”.

⁴ O correto é “*developed*”, mas é comum encontrar esse erro ortográfico: “*developped*”.

⁵ Com esta pista, alguém com espírito sherlokiano mais aguçado poderia, talvez, descobrir a verdadeira identidade do leitor desconhecido.

1/ Visão simplista do processo de ↑ complexid.
Visão superstição.

2. Choix entre les hypothèses d'unification et d'union. (125 sq.)

1) → Dialectique de la nature : C'est l'idée que l'ensemble de l'univers concret subit un processus éternel de mouvement, où naissent et se résolvent les contradictions - la négation étant d'abord dans les choses avant d'être dans l'esprit (terme marxiste).

Dialectique existentielle : Cf. dialectique de l'action.

● Diaphanie (christique) : Transparence de l'univers qui permet au regard purifié et adapté d'y discerner la présence du Christ.

● Dieu-Alpha : Dieu en tant que placé aux origines du monde.

● Dieu de l'en-avant : Dieu considéré comme immergé dans l'évolution, ce qui n'exclut pas sa transcendance primordiale. C'est la nouvelle face de Dieu qui se révèle dans une vision du monde en cosmogénèse et qui n'exclut pas la face ancienne de Dieu, le Dieu de l'En-haut.

● Dieu de l'en-haut : Dieu considéré comme essentiellement transcendant et distinct du monde. C'est la face ancienne de Dieu (Dieu biblique de la Genèse, Dieu de l'islam), qui n'exclut pas la face nouvelle de Dieu, le Dieu de l'En-avant.

● Dieu-Oméga : Dieu en tant que placé à l'aboutissement du monde.

● Divergence : Premier stade de la dialectique teilhardienne de la nature : à chaque niveau de l'être règne une tendance à la dispersion, à la création d'une nouvelle multiplicité, c'est-à-dire d'une matière seconde, qui subira ultérieurement un processus de convergence, c'est-à-dire d'unification. (106)

Effet de résonance : Proprement, vibrations qui, sous le coup d'impulsions régulières, vont s'additionnant.

Ego : Moi.

● Émergence : Troisième stade de la dialectique teilhardienne de la nature. C'est l'idée que tout arrangement, toute syn-

thèse constituent un progrès dans l'intériorité et sont novateurs, plus précisément créateurs, faisant apparaître des propriétés imprévisibles (concept emprunté à la philosophie anglo-saxonne) (79-100-106).

● En-avant : Cf. Dieu de l'en-avant.

● En-haut : Cf. Dieu de l'en-haut.

Endormorphisme : Transformation d'une structure sous l'action de causes internes.

● Énergétique : Science de l'énergie, de ses formes physiques, psychiques, mystiques, et de ses applications évolutives.

Énergétisme : Effort pour fonder l'intelligibilité globale de l'univers sur une théorie de l'énergie. (118)

● Énergie radiale : L'énergie cosmique en tant qu'édifiant des systèmes de plus en plus complexes, donc de plus en plus centrés et intériorisés. (120)

● Énergie tangentielle : L'énergie cosmique en tant qu'établissant entre les corps matériels des rapports de pure extériorité. (120)

→ En-soi : Dans la métaphysique sartrienne, l'être massif, immobile et sans fissure des choses matérielles (s'opposant au pour-soi des êtres libres).

Entropie : Second principe de la thermodynamique d'après lequel, dans un système thermiquement isolé, tous les changements physiques spontanés se font dans un sens qui ne peut être renversé. Il y a donc augmentation de l'entropie, c'est-à-dire de l'involution du système (principe de la dégradation de l'énergie). Plus simplement, ce principe exprime la tendance qu'a tout système à évoluer vers des états de plus grande probabilité. (73)

Épiphénomène : Phénomène accessoire dont la présence ou l'absence n'importe pas à la production du phénomène essentiel que l'on considère.

Éros platonicien : L'amour, dont Platon, dans « le Banquet », décrit le mouvement ascensionnel.

Eschatologique : Qui cherche à définir un état terminal.

Suas dúvidas e surpresas voltam a aparecer na forma de interrogações e exclamações. O que pensa ele acerca da “dialética da natureza”, tal como aparece na obra de Teilhard? A resposta está no topo da página: “Visão simplista do processo de complexid. Visão superstição”. O que fortalece a hipótese de que o LD está estudando especificamente, neste momento, o tema da complexidade. E que já possui sua própria visão a respeito.

Outro NB, agora ao lado do termo “divergência”, e com a expressão “useful”, revela o espírito pragmático do LD. Ele está concentrado em extrair deste livro sobre Teilhard o que lhe for útil para sua própria reflexão, mesmo que veja neste autor algo

aparentemente não científico. O tique ao lado do verbete “entropia” insinua o mesmo pragmatismo de pesquisador. Circulando “*énergétique*”, “ciência da energia”, mostra-se atento a uma eventual extrapolação semântica. A energética como ramo da física estuda os fenômenos ligados à energia, mas Teilhard inclui a mística nessa definição.

3. A verdade padece, mas não perece

Já em 1934, avaliando sua trajetória, Teilhard de Chardin escreveu:

A originalidade de minha crença é que ela tem suas raízes nos dois domínios da vida habitualmente considerados como antagônicos. Por educação e por formação intelectual, pertencço às “crianças do Céu”. Mas, por temperamento e por estudos profissionais, sou “uma criança da Terra”. Colocado assim pela vida no coração de dois mundos, cuja teoria, cuja línguas, cujas sentimentos conheço por uma experiência familiar, não construí nenhuma parede interior. Mas deixei reagir em plena liberdade, uma sobre a outra, no fundo de mim mesmo, duas influências aparentemente contrárias. Ora, ao termo dessa operação, após trinta anos consagrados à busca da unidade interior, tenho a impressão de que uma síntese se operou naturalmente entre as duas correntes que me solicitam. Esse processo não matou, mas reforçou isso. (TEILHARD DE CHARDIN, 2006, p. 236)

Esta síntese fica patente na linguagem neológica, pois é preciso inventar palavras ou reinventar termos já consagrados para dar conta de novas intuições, postulados e descobertas. O vocabulário técnico-místico de Teilhard é um “depósito” bastante inspirador para a pesquisa conceitual. Nele estão reservadas possibilidades de compreensão e esclarecimento na análise das verdades que, diria Teresa de Ávila, padecem, mas não perecem.

Referências

CUÉNOT, Claude. *Teilhard de Chardin*. Paris: Éditions du Seuil, 1962.

GONZÁLEZ FAUS, José Ignacio. *A autoridade da verdade: momentos obscuros do Magistério eclesial*. Trad.: Gilmar Sant’Clair Ribeiro. São Paulo: Loyola, 1998.

LIBANIO, J. B. *Linguagens sobre Jesus: de Cristo carpinteiro a Cristo cósmico*. São Paulo: Paulus, 2013.

MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte: os teólogos católicos*. Trad.: José Fernandes. São Paulo: Paulinas, 1979.

SMULDERS, Peter. *A visão de Teilhard de Chardin: ensaio de reflexão teológica*. 2. ed. Trad.: Frei Orlando dos Reis. Petrópolis: Vozes, 1965.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Em outras palavras*. Trad.: Márcia Valéria Martinez de Aguiar. Textos escolhidos por Jean-Pierre Demoulin. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Recebido para publicação em 03-02-18; aceito em 10-03-18